



A figura do ano? O manifestante

13 de Dezembro, 2012



A figura de 2012 tem milhares de rostos diferentes e saiu este ano à rua pela primeira vez para gritar contra a 'troika' e o Governo, em protestos que marcaram uma nova dinâmica social, segundo investigadores ouvidos pela Lusa.

"As ruas ficaram cheias de pessoas que não iam há muito tempo ou nunca tinham ido a manifestações", afirmou o antropólogo Paulo Granjo, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, aludindo à manifestação "Que se lixe a 'troika', queremos as nossas vidas", que juntou centenas de milhares em Lisboa e outras cidades no dia 15 de Setembro.

O nível de adesão "revela o nível de ruptura social" entre um povo que sente como "inaceitável" que se esteja a "rasgar o contrato social" que construiu a Europa do pós-guerra.

"Pilares como a negociação laboral, a saúde e a educação públicas vão sendo esvaziadas e quando a situação é de total precariedade, preocupa-me a possibilidade de as pessoas entrarem em situações de desespero e violência", salientou.

Em relação aos episódios violentos que marcaram o dia da greve geral, a 14 de Novembro, Paulo Granjo apontou que entre uma "multidão" concentrada em frente ao parlamento, um grupo "numericamente irrelevante" de manifestantes apedrejou a polícia e agentes à paisana que os podiam ter impedido não tiveram ordem para agir.

Em Portugal, Paulo Grancho afirmou que se verificam "de forma mais exacerbada" factores que levaram a revoltas em outras partes do mundo, o principal dos quais é a precariedade da vida, que se agravou de forma "muito rápida".

O antropólogo salienta que "nada é previsível e nada é fatal", mas avisa que quando as pessoas se sentem violentadas e se destrói o contrato social, "dilui-se a credibilidade do protesto pacífico".

Data: 13-12-2012

Título: A figura do ano? O manifestante

Pub:



Tipo: Internet

Secção: Nacional

José Viegas, do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, afirmou que 15 de Setembro marcou "uma mudança de dinâmica" no perfil das manifestações que não tem só a ver com a sua dimensão.

"Claramente, houve envolvimento de sectores da população que não costumavam protestar nas ruas, esse é um fenómeno novo, com segmentos sociais muito diferenciados, não só a classe trabalhadora ou a pequena burguesia, mas também as profissões liberais e a classe média", descreveu.

O sociólogo considerou que as concentrações mostraram "um novo perfil de manifestante, até do ponto de vista etário", com muitos jovens e muito idosos.

José Viegas afirmou que a "auto-organização" demonstrada pelas pessoas mostra que quem protestou o fez com empenho.

O sociólogo aponta uma "raiva mal contida" que perpassou por estes protestos e pelos outros convocados por sindicatos ou corporações, mas distingue-os dos momentos de violência e confronto com a polícia que se viram no dia da greve geral.

Embora admita que "os grupos mais radicais podem ganhar uma dinâmica própria", José Viegas considera que "a prevenção e a censura moral" sobre as condutas violentas "não propicia a sua repetição".

José Viegas salientou que o futuro das "manifs" depende da progressão das condições de vida e dos objectivos definidos para os protestos.

"Não se pode estar todos os meses a convocar uma greve geral ou a marcar uma manifestação a exigir que a 'troika' saia de Portugal. Se isso não levar a sítio nenhum, cada manifestação seguinte vai perder força", indicou.

Lusa/SOL